

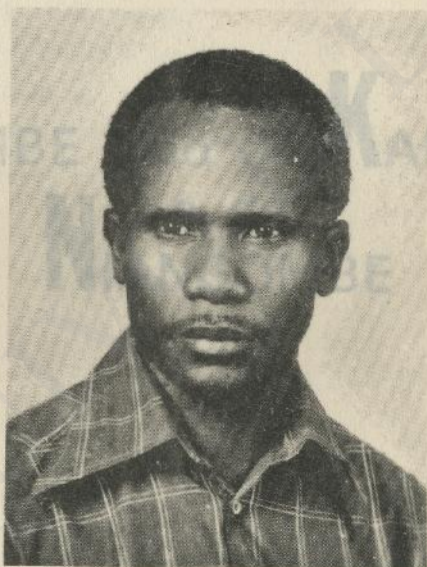
Ngudia Wendel

N GOMBE filho de **K** AMBOLE
e de
N IANGOMBE

*Diário de Viagem na Zona
Libertada pelo M P L A*

1976

Ngudia Wendel



*Diário de Viagem na Zona
Liberada pelo M P L A*

1976

Cláudio M. S.

Ngudia Wendel

AO

POVO Combatente de Moçico e em especial

do da ZONA E, Zona Operacional

A NGUNDA minha companheira

AO COMANDANTE Bomboko

AOS enfermeiros Grevo e Pugas

Aleixo Borges ex-companheiro

N GOMBE filho de **K** AMBOLE
e de
N IANGOMBE

*Diário de Viagem na Zona
Libertada pelo MPLA*

1976

Plano N.º 08

NOTAS DE LEITURA

"Nenhuma mordaza se opõe à voz dos militantes escondidos. O Povo, e sua luta, os seus sofrimentos, as suas alegrias, as suas derrotas e as suas vitórias eis estão à nossa volta. Nada nos impede de contar a história vivendo-a. Nada nos impede de contar a luta, lutando" (1).

AO

POVO Combatente de Moxico e em especial

ao da ZONA E, Zona Operacional

À NGUNDA minha companheira

AO COMANDANTE Bomboko

AOS enfermeiros Bravo e Puegas

AO falecido Borges exemplar companheiro

AO Uafa-Uafa chefe da Secção

À todos com quem viajei...

Dedico.

De facto, Wendel mostra o seu perfeito entendimento com a realidade em que se situa, medindo a entrega e a significação construtiva de cada sinal, uma realidade viva, palpável, que transmite com uma comunicação feita de compassos simples e sem necessidade de ambigüedades de circunstância... transmitindo ao povo o que veio intacto do povo.

Talvez por isso é que não só Ngonde contará esta história às outras crianças. Ela ... e outras que virão a seguir, certamente ... transmitir-se-

(1) - Hélio Neto, ISIAN 9, 2ª edição, 1968, "Nos saltames, Lucília" - Volume 2º prêmio de Ngonde, Ngonde e Puegas de Moxico.

NOTAS DE LEITURA

“Nenhuma mordaza se opõe à voz dos militantes escritores. O Povo, a sua luta, os seus sofrimentos, as suas alegrias, as suas derrotas e as suas vitórias aí estão à nossa volta. Nada nos impede de contar a História, vivendo-a. Nada nos impede de contar a luta, lutando”(1).

E Ngudia Wendel aí está contando-a, tal como a viveu e vive, pouco ou nada se preocupando com maneirismos literários, oferecendo a narrativa com a vontade natural de quem fala, de quem oferece e controla, numa expressão de vida que em nada difere da do operário entregue à sua criação produtiva ou da do guerrilheiro apetrechado no gosto do sacrifício pela causa da libertação do seu país e do homem.

É assim que entendemos Wendel nesta tonalidade da sua voz militante de prosador, contador de histórias que a vivência guerrilheira lhe entregou ao longo da caminhada, desde os subterrâneos da clandestinidade, e da qual, como poeta, já nos havia dado algo da síntese figurativa do seu sentir. É assim que lemos a sua narrativa, que tomamos contacto com o acontecimento que nos relata, cujo alcance não aparece como meramente individual, muito pelo contrário, ganha um alcance colectivo que nada tem a ver com o facto de o autor fazer parte do grupo que viaja, mas antes, com o empenhamento que transmite e faz prolongar para além do limite dos seis dias de viagem. Que Ngombe “...começou a caminhar com cinco meses...” e “...contará esta história às outras crianças”.

De resto, Wendel mostra o seu perfeito entendimento com a realidade em que se situa, medindo a entrega e a significação construtiva da luta, afinal uma realidade viva, palpável, que transmite com uma comunicabilidade feita de compassos simples e sem necessidade de embelezamentos de circunstância... transmitindo ao povo o que veio intacto do povo.

Talvez por isso é que não só Ngombe contará esta história às outras crianças. Ela — e outras que virão a seguir, certamente — transportar-se-á

(1) — Helder Neto, 25JAN76, in prefácio à edição “Nós voltaremos, Luanda!”, volume de poemas de Ngudia Wendel publicado em Luanda.

para além do espaço e tempo em que a sua acção se desenrola no tom evocativo de uma época, e será o homem angolano reencontrado, livre dos fatalismos e inibições habilmente construídas pelo colonial-fascismo, que dará a verdadeira situação na trincheira na nova luta, como sentinela atenta que vai á frente, alertando os companheiros, em jeito de tarefa de sapador lançado contra as minas do caminho futuro. Porque se houve uma guerra que acabou, não terminou a luta ainda. Do chão que pisamos podem brotar rebentos de um nacionalismo chauvinista. Da palavra feita pão, teto, livro, amor, podem nascer raízes que façam esquecer o homem todo, transformando a paz, não na existência da verdadeira justiça social, mas na ausência da guerra.

Esta será uma das leituras possíveis deste primeiro livro de prosa de Ngudia Wendel. Que nos fala de vida, da ousadia máscula de estourar grilhetas e acabar de vez com exploradores. Que nos fala do homem descobrindo que o é não apenas por isso mas porque os outros o são. Fundamentalmente por isso.

Não será este, talvez, o melhor que Wendel nos pode dar. Fica-nos pelo menos a sensação de que este seu primeiro livro de prosa corresponde tão só a uma urgente necessidade íntima do autor, insopitável, que em futuros trabalhos darão lugar a uma ressonância literária de maior vulto, sem prejuízo, evidentemente, do seu acento pessoal de contador de histórias, sem perda da mensagem social que aqui transmite, numa expressão já acabada de ânimo e certeza.

Alás, estamos convictos de que em breve Ngudia Wendel voltará com todo o manancial da sua vivência guerrilheira. De facto, desde a primeira hora directamente ligado à luta de libertação nacional, 1961 Wendel é comandante da área de Icolo e Bengo, donde é natural. Em 1963 está na União Soviética para cursar medicina, de onde regressa em 1970. É então director da Zona A da 3ª Região, e professor da Escola de Enfermagem, em Lupa-Place. Mais tarde, já da zona E, para onde entretanto fora transferido, parte para Itália, onde faz um curso de reciclagem de traumatologia, e em 1973/1974 é o director dos S.A.M. da Frente Norte, mais tarde 2a. Região

Político-Militar. É nessa altura que é responsável pela publicação de "Debate Literário", caderno cultural policopiado de larga circulação nas zonas libertadas... e não só.

Os seus primeiros trabalhos literários — poemas — remontam à sua época de estudante, na União Soviética, e o seu primeiro livro de poemas é publicado em Lusaka, em 1970, mais tarde, em 1974, reeditado em português e italiano, em Forlì, na Itália, e finalmente em, 1976 publicado em Luanda.

Surgindo agora como narrador, esta será mais uma dádiva da sua condição de homem-militante, mais um marco do seu hino de triunfo à vida, mais uma decidida intenção de caminhar em frente, sentindo-se como parte indivisível do grande todo social e reflectindo, por isso mesmo, as angústias, as lutas, as certezas, as vitórias do homem realmente do seu tempo, o que quer dizer, do seu povo, do povo do mundo.

A convicção que hoje fica será certamente confirmada com os seus próximos livros.

Luanda, Junho de 1976

João Abel

NGUIDIA WENDEL

INTRODUÇÃO

Diário de Viagem

Esta brochura não se destina aos eruditos. Procurei escrevê-la com o fim de permitir que todos me pudessem ler.

Tentei evitar ao máximo utilizar terminologias precisas, mais frequentes na literatura moderna.

Bem entendido, eu não sou escritor.

Tentei também de ser imparcial na descrição dos factos sem buscar nada mas também sem ter de renunciar ao objectivo primordial que tinha em vista: — dar uma imagem clara e real sobre o que é o Guerrilheiro, a Luta de Libertação Nacional e explicar os propósitos pelos quais se tem debatido o Povo Angolano.

Não busquei nada — repito.

O facto de ser angolano levou-me a criolar ou melhor ainda a angolanizar algumas expressões, portanto, não obedeci a nenhuma regra gramatical.

Entretanto o leitor português também me entenderá!

Aguardo contudo que quem se der ao trabalho de me ler não me abandonará no trajecto.

NGUDIA WENDEL

Diário de Viagem

A viagem com companheiro Ngombé ainda criança, nas zonas de guerrilha, nas zonas de fogo.

De Nguvu à I secção da Zona E, III Região Político-Militar do MPLA.

Dez de Fevereiro de mil novecentos e setenta e dois, era o dia escolhido para seguir viagem para à I secção.

As disposições estavam preparadas para aquele dia.

Tantas vezes já havíamos adiado a viagem devido às promessas de Chipenda de visitar a I Secção. Em Kassamba Chipenda propôs-me seguirmos juntos àquela secção, e a sua esposa camarada Guida, directora das Escolas também estava interessada em seguir viagem. Mas de Kassamba Chipenda não desandava!

Entendi por bem arrancar sem eles. Entretanto, fiquei muito tempo à espera do grupo que vinha daquela secção. O grupo atrasava. Qualquer coisa deve ter acontecido — imaginávamos.

— O camarada Nelito, o radista, já estava a par da situação, que pouco depois comunicou o comandante Bomboko.

A notícia chegou muito depois ao médico.

— Dizia o radiograma: Camarada Bala Direita teve acidente de granada stop Evacuado para Nguvu stop.

O médico, camarada Wendel e o enfermeiro camarada Elias Puegas estavam presentes, estavam nos SAM, aguardando impacientemente o ferido.

— Após o rebentamento da granada — informava Bravo, o camarada Comissário Samussumina, ordenou a imediata evacuação.

O camarada Comandante está gravemente ferido — referia o Comissário. Ninguém, portanto, hesitou em executar as instruções do Comissário.

— A secção estava sem medicamentos sobretudo havia falta de antibióticos — sublinhava camarada Bravo, o enfermeiro local.

Os chefes das secções concordaram totalmente com a iniciativa do camarada Comissário. Assim, sem perda de tempo o Comandante era posto na tipóia rumo ao Nguvu. Uma secção acompanhava-o — prosseguiu Bravo.

Era uma viagem longa e os transportadores não descansavam apenas um minuto. O doente não dormia, as dores eram fortísimas. O braço estava inchando — observava Bravo.

— Agora é que estamos vendidos — dizia Kambole, o chefe da missão! A viagem tem de durar menos de cinco dias e o risco de vida é grande. Ndeki pimbi!... Constatava o chefe da missão.

Nguvu é posto central da zona E.

E, eis então que no dia sete do mesmo mês uma tipóia que se fazia transportar por guerrilheiros chegava ao Nguvu.

— Homens e mulheres iam ao encontro da tipóia. Que coisa? Que coisa é? Que? — perguntavam os habitantes.

— É o camarada Bala Direita gravemente ferido — explicava Kambole, o chefe daquela missão!

— Qual foi o motivo do ferimento? — perguntou o comandante Bomboko — foi uma explosão de granada. O comandante apresentava a mão rasgada, desfeita.

— O camarada foi transportado até ao posto médico.

— Aqui já é Nguvu. O camarada Comandante já não morre! — diziam os guerrilheiros fartos de carregar!

— Bravo confia com o médico da zona. Faz um relatório breve. Escutado Bravo, o doente era submetido a exame imediato.

— Ferimento grave — constatamos!

— Que fazer agora camarada médico? — perguntou o enfermeiro Puegas. Certamente que vamos medicá-lo p'ra já.

— Existe o risco do comandante perder a mão — afirmei eu.

— A mão saía pês sanguinolento — meditava no risco que corria a mão do camarada .

— Em todo o caso há que prescrevê-lo uma medicação de choque à base de antibióticos!

E' muito cedo pensarmos na intervenção cirúrgica.

— Pûs, inchaço horrível, febres altas, estão contra — indicadas à intervenção cirúrgica — explicava eu aos enfermeiros Bravo e Puegas.

— Primeiro é combater a infecção e mais tarde evacuá-lo-emos para Kassamba onde está a camarada médica Ngunda pois ela saberá resolver o problema — continuei eu meditando.

— Este grupo quando regressar já não me deixa —, pensei eu de si para si.

Então, desta vez vou inspeccionar a I secção.

— Esperamos que tudo corra bem — dizia eu!

— A terapeutica era a seguinte: Penicilina G um milhão e meio de unidades internacionais diários, antipirecticos, soro vitaminizado intravenoso, valium, saneamento diário do local lesado.

— Dia dez terei infalivelmente que partir com o grupo — dizia eu. Neste grupo iria também o Comandante do Esquadrão Guimarães, camarada Bomboko.

— O Comandante Bomboko ia substituir o Comandante Tchakussuta.

— O doente continuou a melhorar, inspirava poucos cuidados médicos: a temperatura baixara, tinha recuperado o ânimo e o sono perdido durante alguns dias de infotúnio.

— Estes sinais, eram entretanto autorização ao médico poder, seguir viagem.

— Camarada comandante, se tudo lhe correr bem — falava o médico, terá que ir continuar com o tratamento em Kassamba, com a camarada médica Ngunda — está bem? Interroguei eu.

— Está bem camarada médico, até porque o povo lá no interior está muito mal, sem medicamentos — concordava Bala Direita.

Assim que vais, sem dúvida que a tua presença lá irá levantar o moral do povo — recomendava o comandante.

— Chamei para o efeito o Puegas — ouvi Puegas, eu arranco amanhã com o grupo. O primeiro carro que aqui chegar, agradeço-lhe o favor de evacuar o camarada Comandante para Kassamba.

— Recomendava o médico ao enfermeiro Puegas.

— Será feita a vossa vontade — replicou o enfermeiro!...

Dia dez o grupo estava pronto, preparado.

— O Comandante Bomboko dirige-se aos SAM, procurar-me.

— Partimos hoje camarada médico? — interrogou Bomboko.

— Sim, camarada Comandante — respondeu o médico.

Se é assim, partiremos às quinze horas — prosseguiu.

— Prepare já a sua mochila — recomendava atentamente o comandante.

— Dez camaradas guerrilheiros transportarão os medicamentos necessários — prosseguiu o comandante.

— O médico vai curar o Povo combatente — meditava eu. O povo que fica se interroga e nós com que médico ficamos? — falava o povo com o rosto triste.

— O povo combatente está nas matas, portanto, é junto dele que devemos desenvolver as nossas actividades — assim tem recomendado o camarada Agostinho Neto, Presidente do M P L A.

Veja só o que o Camarada Agostinho Neto conscientemente dizia na sua alocução proferida em 12/10/66:

“Temos de aumentar a insegurança dos soldados e dos colonos portugueses que persistem em conservar-se abusivamente sobre o nosso território nacional. Todos os nacionalistas angolanos devem participar activamente na luta, sobretudo na luta armada. Os estudantes, os operários, os trabalhadores do campo, os funcionários públicos, os intelectuais, todos angolanos não têm hoje outra tarefa mais sobre o que não seja o de pegar em armas para combater a presença física do colono no nosso país”.

Em 1/8/67, ainda dizia:

“Através de uma guerra nacional e democrática, popular e de longa duração, o poder revolucionário irá progressivamente submergindo o poder colonialista, conferindo a nossa Revolução as características dum

processo irreversível, que os sobressaltos de um Colonialismo agonizante não fazem senão activar, e tornando real a perspectiva já hoje evidente de colocar ao dispor das massas e do seu movimento de vanguarda, o M P L A a possibilidade de gerir o seu próprio destino”.

— Então, nós íamos nas matas para pôr em prática os projectos do Camarada Presidente do M P L A. Íamos conferir a Revolução as características dum processo irreversível.

— Almoço para todos ordenava Uata-Uata.

Estava pouco tempo para a partida. As mochilas estavam já preparadas para a longa caminhada.

As armas estavam limpas e carregadas de munições brônzeas para todas eventualidades. Tudo estava pronto...

— Quas horas certas... spito... P r r r... formatura para os que saíram!

— O grupo era constituído por uma vintena de guerrilheiros, entre os quais estava o médico, o Comandante o chefe da 1.ª Secção, camarada Uata-Uata e o mais pequenito Ngombe.

— Despedimo-nos com todos que ficavam no Nguvu. Uns choravam com saudades dos amigos que partiam para muito longe e para muito tempo.

— Isso era normal, muitos choram mesmo!

— Os que partem também levam saudades dos que ficam!

— Cantamos o hino do M P L A e depois... Uma voz autoritária...

— Um passo em frente, marchal!

Uata-Uata chefe de secção que orientava a formatura.

Assim o grupo marchou!

— As postradas dividia os dois contingentes, os que iam e os que ficavam.

— A fronteira não estava muito, apenas trinta minutos de marcha.

— O grupo tinha alcançado a fronteira comum Angola-Zâmbia.

— Agora estamos em Angola, no nosso país, não há mais perigo!

— dizia Uata-Uata satisfeito com a caminhada!

Primeiro Dia de Viagem

A partida estava combinada para às quinze horas certas. As mães davam as últimas despedidas com os seus filhos. Neste dia tudo estava em movimento, as mulheres pisavam; nas cozinhas saía fumo, os pioneiros andavam à volta do campo das formaturas...

— Almoço para todos ordenava Uafa-Uafa.

Faltava pouco tempo para à partida. As mochilas estavam já amarradas para a longa caminhada.

As armas estavam limpas e carregadas de munições prontas para todas eventualidades. Tudo estava pronto...

— Quinze horas certas... apito... P r r r r... formatura para os que partem!

— O grupo era constituído por uma vintena de guerrilheiros, entre os quais estava o médico, o Comandante o chefe da I Secção, camarada Uafa-Uafa e o mais pequenito Ngombe.

— Despedimo-nos com todos que ficavam no Nguvu. Uns choravam com saudades dos amigos que partiam para muito longe e para muito tempo.

Isto era normal, muito normal mesmo!

Os que partem também levam saudades dos que ficam!

— Cantamos o hino do M P L A e depois... Uma voz autoritária...

— Um passo em frente, marchal! —

Era Uafa-Uafa chefe de secção que orientava a formatura.

— Assim o grupo marchou!

Uma poeirada dividiu os dois contigentes, os que iam e os que ficavam.

A fronteira não distava muito, apenas trinta minutos de marcha, o grupo tinha alcançado a fronteira comum Angola—Zâmbia.

— Agora estamos em Angola, no nosso país, não há mais perigo — dizia Uafa-Uafa satisfeito com a caminhada!

— No passado muito próximo, os tugas armavam emboscadas, aqui mesmo na fronteira mas a porrada, a surra que os bichos não apanhavam... perderam todas iniciativas — prosseguiu Uafa-Uafa.

Três horas depois estávamos em Kassaniga. Tínhamos feito aproximadamente 20 quilómetros de distância.

Kassaniga pertence à II secção do Esquadrão Guimarães que actua na Zona E da III Região Político-Militar do M P L A. Anteriormente esta secção acantonava-se em Katoio.

Katoio é muito conhecido pelos seus famosos guerrilheiros bem determinados nos combates, contra os ataques que a base sofria constantemente da soldadesca colonialista.

Eram dezoito horas, era impossível continuar com a viagem naquela hora tardia, tínhamos portanto, que dormir no Kassaniga.

— Todos os habitantes eram quase conhecidos, outros eram familiares dos guerrilheiros. Assim que iam entrando na sanzala os guerrilheiros iam desaparecendo.

Em poucos minutos, eu e o comandante vimo-nos sós.

Os guerrilheiros tinham ido saudar os seus familiares e amigos.

É um fenómeno normal em qualquer lado!...

É comportamento normal de qualquer soldado quando o inimigo está distante de si...

O Presidente do Comité de Acção camarada Shikassa e o seu adjunto camarada Samuxitu vieram nos saudar.

— Em conversa, o Presidente do comité afirmou muito satisfatoriamente: tu na kidikita camalata Comandante — una mono massango!...

— Estou contente com o vosso trabalho — disse o comandante. Vocês não devem mais aceitar aqui os guerrilheiros que não querem combater os tugas.

— Todos os guerrilheiros devem estar na frente do combate — aconselhava ainda o comandante.

Continuaremos a conversa mais tarde — desculpou-se o Presidente do comité de Acção.

Lá saíram!...

As vinte horas tínhamos sobre a mesa feita de paus, três chimas de massango. Agora vamos "mamar" — murmurava Bravo.

— Desculpa camarada comandante — dizia o velho Shikassa, o massango ainda não está maduro, por isso não podemos fazer-lhes mais que este modesto jantar-diaku. — disse.

Isso já é muito, isso mesmo chega — balbuciei eu.

— É sempre bom andar com "muatas" — dizia Bravo fazendo previsões de boa viagem!...

Passamos a noite em Kassaniga. Durante a noite conversamos demoradamente com os membros do Comité de Acção; com os guerrilheiros aqui em repouso junto dos seus familiares.

Conversamos com todos os velhos que cultivam as terras.

Tecemos também várias considerações sobre a luta de libertação nacional.

O comandante Bomboko inisistiu pela cultura das sementes sem a qual seria difícil resistirmos contra o inimigo tão manhoso e obstinado:

— Kassaniga passa desde já a ser a nossa Base de Produção. — recomendava o comandante.

— Os camaradas que estão no Nguvu farão aqui as suas lavras: colectivas e individuais.

— Vigilância e Produção.

A UNITA infiltrou aqui muitos bandidos. Por isso vocês estarão sujeitos a infiltração inimiga.

— Muito cuidado com os zambianos que muitas vezes vêm por aqui fazer caça. Até é bom interdita-los — recomendava o camarada Bomboko.

— Nós vamos à I secção, lá a nossa presença é imprescindível; vamos combater o inimigo tuga. Um dia, mesmo que ainda distante, estaremos juntos.

Boa noite camaradas — despediu-se o Comandante!

Segundo dia de Viagem

Era manhã cedinho, manhã fria, era o tal cacimbo do leste.

— Todos os habitantes da Base eram obrigados a ir à formatura matinal.

Normalmente nas formaturas traça-se o plano de trabalho diário: nomeação da guarnição ou patrulha, equipas de trabalho agrícola, pesca, caça, etc..

O exercício militar matinal era obrigatório e inevitável.

Nós não estávamos incluídos em nenhum grupo de trabalho porque a nossa missão era outra. Somente participamos no exercício matinal, a ginástica.

O presidente Shikassa havia preparado para o grupo que partia um especial matabicho: chima de massango com nacos de mbambil

— Chima dá força — dizia eu pensando na distância que iríamos fazer.

— Chima anima a jornada de fome, caminhada de fome, ah caminhada de fome... pensava eu.

Vamos à ele (o chima) — dizia o comandante Bomboko. Reunimo-nos à volta do chima.

— Tivemos razão porque liquidamo-lo; mamamos todo chimal! Descansou-se ao menos trinta minutos, para fazer a digestão. Depois deste período, continuamos seguindo viagem.

O rio Lungovungo estava pertinho de Kassaninga. Apenas dez minutos de tempo para lá chegar.

O mais belo rio de Angola, com uma bacia fantástica!

— Combatíamos e descobriamos ao mesmo tempo Angola! O combate é também estudo — dizia o camarada Bazooka!

As canoas estavam prontas, preparadas para o efeito.

O porto era descoberto, somente as canoas eram escondidas entre os mabus para evitar que o inimigo as destruísse.

— É um avião camaradas. Ndeki, camalata — era Bazooka que

despertava os companheiros de viagem.

Então todos nós escondiamo-nos perto das carroas.

— Não é avião tuga, não é... é um avião zambiano que vai para zambezi-Boma — dizia Uafa-Uafal

— Lá vai o avião zambiano com seu zumbido ameaçador e estranho — resmungava camarada Borges.

O dia estava calmo, calmo estava também o rio Lungovungo, não estava realmente ruidoso.

Os hipopótamos não ameaçavam àquela hora de manhã, estavam repousando depois das grandes jornadas nocturnas!...

— Só o peixe pungo dava grandes fimbrias e beijos nos olhos dos soberbos viajantes...

— A travessia tinha começado às sete horas da manhã, e veio a concluir-se às dez horas. É uma travessia de risco... e nós estávamos cónscios disso, reflectia o rosto de todos: guerrilheiros.

— Tomemos um banhito camaradas — aconselhava o Borges! Para onde vamos não há água em abundância!

Tivemos que escutar o conselho do companheiro de viagem. As senhoras puseram-se de parte, não quiseram tomar banho naquela hora matinal. A presença dos homens era realmente um impecilho!

As senhoras gostam de um banho "à vontade"!...

O grupo estava acrescido desde Kassinanga. O Comandante engrossou-o com mais guerrilheiros que ali estavam sem fazer nenhum, duas senhoras e uma criança — o camarada Ngombe.

O grupo deixava um rasto enorme, muito alliciante mesmo.

— É bom fazer zig-zag — recomendava Bomboko. Olha que o inimigo frequentou até um determinado tempo à povoação do velho Wariata. A picada que vai até lá está aqui pertinho — continuava Borges o raciocínio do Comandante.

— No andar também precisamos de disfarce, "perder-mo-nos um pouco na mata"!...

O camarada Ngombe, o mais jovem de todos nós estava dormitando no colo de sua mãe. O Ngombe não tinha berço...

A sua mãe ia toda ela carregada.

Uma trouxa enorme dominava-lhe a cabeça e no peito o seu primeiro filho — o camarada Ngombe.

A Niangombe suportava o filho e o peso. Suportava tudo... e mais, era combatente!

— Coitadinho — dizia eu, não sabe o que se passa com os seus pais que vão à busca da vida passando em matas ora densas ora abertas; passando ora em chanas ora em estepes.

— Este grupo vai mesmo à busca da vida nas matas, onde há fome, há nudez, há frio, há cobras, tucas armados... mas ele vai cónscio — continuei eu reflectindo!

Era meio-dia, o sol ardia sobre as costas.

— Mas entretanto continuemos com a viagem, camaradas! — encorajava o comandante.

— Passávamos em sanzalas abandonadas pelos povos que se refugiaram para à Zâmbia e que mais tarde se juntaram à guerrilha do M P L A.

— O Ngombe animava a nossa viagem. Esta criança encorajava tudo.

— O Borges fazia palhaçadas e todos nós ríamos...

— Então, como vai a viagem, camarada médico? — perguntou Bomboko — o comandante.

Penso que vai bem! — respondia eu.

O comandante ia nesta viagem com a sua senhora.

— Na verdade, é difícil nos maquis fazer a vida solitária. Por isso o comandante conhecedor da situação, não hesitou em acompanhar-se de sua esposa — reconhecia eu!

— Eu, conhecia pouco os camaradas, mas o meu enfermeiro Bravo Washington e o comandante, animavam-me e deste modo, via curta a longa distância que iríamos caminhar.

Sempre andando com toda força, atravessámos matas e chanas.

O relógio marcava quatro horas e meia, quando o comandante Bomboko disse ao chefe da secção camarada Uafa-Uafa que às cinco horas

teríamos que parar na próxima mata.

Temos que arranjar um pouco de carne para o nosso jantar. — Está bem camarada comandante, — respondeu Uafa-Uafa.

— Às cinco horas certas estávamos na referida mata.

— Podem arranjar lugar para dormir, — disse o comandante.

Três camaradas tiveram que ir caçar.

Estes eram: Bravo Washington, Kambole pai do Ngombe e Borges.

— Às sete horas lá voltavam eles com três mbambis.

— Agora temos carne para o jantar, — dizia Uafa-Uafa.

— Desta carne comemos uma parte, a outra ficará para o dia seguinte.

Depois do jantar, dormimos logo preparando-se para a marcha do dia seguinte, que era árdua e resoluta.

Terceiro dia de Viagem

Logo que acordamos, de manhã cedinho, o sol ainda encoberto, pusemo-nos a caminho.

“Matabicharemos” no Kaiombo, — disse Kambole que conhecia melhor o caminho.

— A carne e a fuba não chegam — dia Uafa-Uafa; é bom que comamos duas vezes ao dia, assim pouparemos comida até ao fim da viagem!...

As lavras de mandioca que se encontram nas zonas do Luio ficam distantes daqui teremos que andar mais quatro dias, — prosseguiu o chefe da secção!

A caminhada nesse dia tinha começado às seis horas da manhã.

Entramos na grande chana depois do lihumbu onde havíamos passado a noite. Passamos cinco horas na chana. O suor molhava a roupa no corpo.

Ai... se aparece de repente o ndenkil — dizia eu..

— Às nove horas o sol já ardia. Todos nós iam carregados. Cada um levava a sua moxila, as mulheres levavam grandes trouxas de roupa e de comida.

A Niangombe ia mais carregada porque além da trouxa levava o Ngombe.

O mais jovem que ia conosco, camarada Ngombe chorava de fome e a sua mãe parava várias vezes para lhe dar de chuchar.

O grupo avançava, as mulheres distanciavam-se dos homens.

— Esperemos as mulheres — pedia o comandante.

O grupo pára e cada um põe-se no seu canto.

Lá vêm elas pestenejava Uafa-Uafa!

— Estão cansadas? — perguntou o comandante.

Descansem um pouco e andemos depois — prosseguiu o comandante.

Estavamos subindo com a margem esquerda do rio Lungovungo.

— Veja aqui camarada médico, esses rastos, são dos tugas que patrulharam esta área — explicava Bravo.

— Mas eles nunca mais cá voltaram? — perguntou o médico.

Não, camarada médico — respondeu o Bravo.

— O médico e o comandante eram ambos novos e tinham que ver atentamente os caminhos.

— Não posso andar, estou chelo de fome — disse eu. O Borges respondeu logo — estamos perto do Kaiombo, andemos mais um pouquinho...

— Não, não posso mais — teimei eu!

Temos que fazer o almoço. Aqui, nesta localidade tem água — insistia eu.

— Já me apercebi — dizia eu, há muito tempo que quando vocês dizem que estamos perto do local, anda-se ainda mais duas horas.

Este fenómeno é muito frequente no leste.

— O fenómeno é próprio do leste. —

Isso acontece sobretudo quando alguém desconhece o trajecto. Por isso insisti.

Por fim aceitamos unânimeente almoçar naquela localidade, antes de Kaiombol

O rio Lungovungo distava de nós quase cerca de um quilómetro. Ouvia-se bem o ruído dos hipopótamos que deambulavam no areal perto do rio.

Era proibido fazer fogo de dia.

A caça era permitida só à tardinha, ao pôr do sol.

As catorze horas estávamos almoçados.

— Depois do almoço como sempre, trinta minutos para à digestão! À hora marcada pusemo-nos à caminho, para continuar com a jornada.

Quando eram dezassete horas e trinta minutos estávamos passando a área do Kaiombo onde o camarada Borges prometera "matabichar"

É aqui, fica aqui o Kaiombo, — dizia para mim o meu enfermeiro Bravo Washington.

É aqui?! — retorqui eu com a boca aberta...

Este Borges sabe mesmo enfiar o barrete!...

— Às sete horas temos que parar com a marcha para dormir, — dizia o comandante. Onde houver água para podermos dormir — prosseguiu o comandante.

— Daqui só no destacamento antigo do comandante Tchakussuta, — respondeu o pai do Ngombe, camarada Kambole.

— Não fica muito longe, pois não? — Voltou a indagar o comandante.

— Não, camarada comandante — respondeu este.

— Então andemos com mais vida, — disse o comandante.

Todos nós estávamos cansados, os pés doíam de chagas.

Eu ia com o grupo mais avançado.

— Logo depois... casas abandonadas!...

— Aqui vivia gente, não é?

— Sim, camarada médico — respondeu o Bravo!...

— Aqui começa o destacamento do comandante Tchakussuta, — indicava o Bravo.

— Mas porque o comandante Tchakussuta abandonara esta Base? — perguntei eu.

— Houve um grande bombardeamento que levou a vida de duas senhoras.

E mesmo assim o lugar não é muito bom para Base de guerrilheiros: não tem água e as lavras ficam muito distantes — referida Bravo Washington!

— Via-se os kakinos abandonados, kakinda, etc, etc..

Mas como é que os tugas souberam que vocês tinham a Base nestas áreas? — perguntou o comandante Bomboko ao Uafa-Uafa.

— Sim, camarada comandante, o destacamento estava no Katoio.

— Um certo dia Katoio foi atacado pelos tugas-marinhos.

— Eles vinham dispostos para destruir a Base.

Uns vinham do rio Luio, outros do rio Lungovungo.

Os "marinhos" andavam estacionados em Kalabo, um posto

administrativo vizinho, fica nestas bandas, muito perto mesmo.

Naquela zona a mata é rara só se encontra no Katoio, o resto era todo chana.

— Então a ideia colossal do comandante Tchakussuta era a de salvar a população do ataque inimigo. E também para os guerrilheiros combaterem à vontade, contra os tugas, — informava pacientemente Uafa-Uafa ao comandante.

Mas os tugas se aperceberam que lançavam a napalm à toa.

Então com a fúria decidiram bombardear as matas nas proximidades de Katoio. E, assim duas bombas atingiram mortalmente duas senhoras no novo lugar escolhido pelo comandante Tchakussuta.

Agora Katoio é só Base de guerrilheiros. — concluiu Uafa-Uafa. Afinal é assim! — replicou indignado o novo comandante do Esquadrão Guimarães, camarada Bomboko!...

Muito grato pelas informações camarada Uafa-Uafa. — disse ao concluir Bomboko.

Com a conversa chegamos mais rápido no local.

O jantar estava preparado.

— Vamos jantar — disse o comandante!

Contava-se já vinte horas e trinta minutos.

— Depois do jantar, — Bomboko, insistiu pela conversa.

— Fales algo sobre ti, camarada Uafa-Uafa — pediu o comandante Bomboko.

— Eu, camarada comandante encontro-me combatendo nesta zona desde o início da guerra do leste.

Primeiramente fui guerrilheiro na quinta secção da Zona E, lá longe nas áreas do Luanginga. Mais tarde fui transferido para a terceira secção como chefe do grupo.

A terceira secção fica na área de Lukula, nas zonas do posto administrativo do Sesse.

Agora sou chefe de secção do Esquadrão Guimarães!

— É tudo sobre mim — concluiu Uafa-Uafa.

— Eu, — dizia o comandante ao trocar impressões com Uafa-Uafa,

venho da Zona D. Lá fiz o curso de monitor político; depois do curso passei a funcionar como monitor político com o comandante Kakunga, na zona D.

— Mais tarde passei para Zona C.

— Agora vou para a Zona E como comandante de Esquadrão

— Obrigado por tudo, — agradeceu o comandante à atenção prestada.

— Vamos dormir, amanhã temos que prosseguir com a caminhada.

— Boa noite camarada comandante — despediu-se Uafa-Uafa.

Igualmente obrigado, — agradeceu o segundo.

Quarto dia de Viagem

O quarto dia de viagem tinha começado ainda mais cedo que habitualmente. As razões foram várias: primeiro é que os pés estavam cheios de bolas de água; segundo é que tínhamos pouca fuba e carne para toda viagem, e o sol importunaria pouco.

— Agora, estamos mal, — dizia Kambole, o pai do Ngombe.

— Aqui não se pode fazer caça? — perguntou o comandante.

— Pode-se caçar, mas é difícil a caça. — respondeu Kambole!

A propósito, Kambole era um bom caçador.

— No Kamissengo pode-se caçar à vontade, há caça grossa, lá há mais ngunga. — prosseguiu ele.

— Mas chegamos lá ainda hoje? — interrogou de novo o comandante.

— Sim, camarada comandante, lá para às treze horas, estaremos lá. — afirmou Kambole.

Então se é assim, andemos com mais vida. — prosseguiu o comandante.

Era caminhar de doidos!...

E em que lugares abertos e fechados não passamos!...

— Kambole que parecia conhecer melhor o caminho, estava-se perdendo. E isso realmente alongava a distância!...

— O Bravo, — o meu enfermeiro balbuciava — estamos nos perdendo. Kambole mal conhece estas áreas do Sapilinia — continuou murmurando Bravo.

— Mas porque tu não lhe chamas atenção? — disse eu.

— Sim, vou já dizê-lo, camarada médico.

— Mas minutos depois o Uafa-Uafa estava informado da situação, manda pois parar Kambole que enfrentava o caminho.

— O que está passando? Que existe? Que coisa? Inimigos? — perguntava preocupadíssimo Kambole.

— Não há nada de especial; somente perdeste-te do cami-

nho — prosseguiu o chefe da secção.

— Agora temos que ir à direita para encontrarmos a picada, depois, muito depois subimos um pouco à esquerda, sem dúvida que brevemente estaremos a Kamissengo. — disse Borges.

Kambole não ficou de acordo com a opinião dos outros, entretanto, teve que submeter-se!

Borges passou então a orientar o caminho até a picada. Estavamos à uma hora de distância que nos separava da picada — dizia Borges.

Apanhamos a picada.

Eis a picada. Ei-la aqui — dizia Borges!

— Se continuássemos, jámais encontraríamos Kamissengo!...

— Kambole, veja só onde já ficou Sapilinia nuito para atrás, não é verdade? — advertiu Borges.

— Sim, respondeu este.

— Agora, podes continuar a dirigir o caminho.

A propósito Kambole era chefe do grupo da secção.

— O Kambole quando anda não vê os outros que ficam para atrás, nem já liga seu filho o Ngombe — referia eu.

Todos nós estavamos cheinhos de fome, e frequentemente paravamos no trajecto para comermos “frutos da mata”. E sucedia que quanto mais frutos comíamos mais sede e fome tinhamos!...

— E, eu pedia um pouco de sal ao Bravo e engolia com a pouca água que tinha no cantil.

Assim faz mal camarada médico, — dizia Bravo.

— Não, Bravo, isso faz bem, evita “mijar muito”... evita o desequilíbrio electrolítico dos sais no organismo.

— Portanto, é sempre bom salgar ligeiramente a água que levas no cantil — prossegui eu explicando o meu enfermeiro.

As bolas de água que se foram formando durante a viagem, se transformaram em chagas.

Era-me difícil caminhar com as botas, uma íngua provocava-me febre.

— Estamos chegando, — Bravo tentou distrair a minha dor!

— Esforce-se mais um pouquinho, camarada médico, daqui mais uns minutos chegamos no Kamissengo.

Kambole já estava no local. Mal chegou, preocupou-se em acender o fogo e ir à busca de água na próxima cacimba do Kamissengo.

Vinhamos todos famintos e cansados.

Quando chegamos no local, cada um atirou a sua mochila de lado, mas sempre acompanhado de sua arma, a AK.

Na verdade, em Angola guerrilheira, podes esquecer todas as riquezas, mas nunca a arma!

A arma em Angola é o melhor companheiro — era o lema de todos! Eram treze horas certas, o chima estava sendo preparado, com a pouca carne que tínhamos.

Tanta gente para tão pouco chima, trás dores de cabeça. — pensávamos.

Quando fomos chamados para o almoço, foi uma surpresa, encontramos os pratos cheios de chima!

O chima era de massango!

Foi para nós, uma refeição normalíssima.

Se “embutimos” aquele chima que as senhoras nos tinham ofertado e todas as pequenas doenças que nos ameaçavam, desapareceram — dizia eu!

— As senhoras sempre têm os seus segredos para fazer animar os homens.

Não é pois nenhuma novidade para o homem do leste que conhece este mistério da mulher da sua zona!

— Hoje, custa o que custar temos que atravessar a estrada Lutembo-Luvuei. — dizia Kambole.

Todos nós ficamos de acordo com a proposta do Kambole.

— Mas quanto tempo leva para chegar à estrada? — interrogava o comandante.

— Daqui à primeira picada são duas horas de andamento e da picada à estrada Lutembo-Luvei outras duas horas, portanto, são quatro horas ao todo.

— Eh, eh!... olha ainda este Kambole!... espantou-se o comandante se bem que já tinha recuperado as forças — confirmou afirmando Bomboko.

— Eram dezassete horas.

Bom, continuemos a caminhada...

De Kamissingo a picada próxima, andamos ainda na clareza.

Andamos bem e com firmeza!

— Da picada à estrada, era uma desgraça!...

Era uma marcha estúpida e desnecessária?!...

Uma escuridão imensa em que não se via nada.

As mulheres choravam, ninguém reconhecia o caminho, senão Kambole!

Pancavamo-nos nos paus deitados no chão e as cargas voavam dum sítio para outro...

— Era o destino dos homens que andam à procura da Independência! Temos de ser livres! — Repetíamos assim dentro do sofrimento.

E quem não podia seguir Kambole, ficava pelo caminho ou perdia-se.

Andamos mais de quatro horas em tombos, às apalpadelas!

— As mulheres que nos haviam dado o chima tão forte para aguentar a caminhada, choravam, choravam e maldiziam a independência que não se sabia quando “chegava”!...

— Choravam coitadinhas!... Que pena não faziam!...

— O comandante chateado berrava para a sua esposa que não queria mais andar naquela noite.

A mulher do comandante, às vezes, dizia que estava muito bem na zona D com seus pais, agora tu vieste-me trazer aqui para tanto sofrimento!

— Ela falava na sua língua — Mbunda.

Eu entendia um pouco a língua da senhora.

Metia mesmo pena coitadinha da senhora!

— O Kambole que dirigia a viagem estava cansado e já não reconhecia bem o caminho.

— As senhoras não compreendiam porque razão andavam sem

repouso!

Muita pena mesmo naquela incompreensão!...

— O Borges sempre atento advertia ao Kambole, cuidado que vamos surgir no posto de Lutembo.

— Pense bem, — alertava.

Não me vou apresentar aos tugas — dizia Borges! Não quero isso... quero cabalmente cumprir a orientação do M P L A e do camarada Agostinho Neto. Não me vou apresentar aos brancos...

Que fazer agora? — perguntou Kambole ao Borges.

— É bom subirmos um pouco e andemos como se estivessemos a nos dirigir em direcção às lavras dos povos de Luvuei — aconselhou Borges ao outro.

Está certo, fazemos assim. — concordou o primeiro.

Nós iamos atrás deles, segunindo os conhecedores do caminho. Cada pancada nos pés!...

Era terrível o quarto dia... Olha a picada!...

Admirava Kambole. 'Aqui está ela, enfim!...

Pois então, antes de chegar a estrada principal, atravessamos uma picada.

Agora estamos a andar bem — concluiu o Borges.

— Paremos um pouco para esperar as mulheres. — interveio o comandante.

— Lá vinham elas, coitadinhas com os corpos rasgados e a sangrar. Que picaduras não tiveram que "aturar"?!..

Este é o Preço da Independência!... Tantas escoriações no corpo!...

— Agora, aqui não se deve falar — recomendava Uafa-Uafa,

Estamos já perto da estrada. Os tugas costumam patrulhar estas bandas desde que o comandante Xietu mandou destruir a ponte do rio Luio.

— Xietu, era o comandante da subregião norte, e que dirigia as operações na zona E, em comissão. Tudo estava escuro. Eram vinte horas quando nos aproximamos da estrada!

Entretanto, um dos nossos avançou para controlar a estrada.

Houve silêncio muito demorado, profundo mesmo, mas um átimo,

Ngombe rompeu a paciência dos camaradas, pôs-se a chorar, queria comer!

A Niangombe, portanto a mãe do miúdo tentou tapar a boca do miúdo com trapos!

— Não faz isto ao miúdo — dizia Uafa-Uafa! Você não sabe que quando a noite é alta os brancos mal diferenciam os choros das crianças com os dos bichos que andam por aí?!...

Depois uma voz calma nascia do fundo da noite: — podemos passar, não há obstáculos nenhuns. Não há perigo. Não há tropas...

Todos nós atravessamos a estrada.

A travessia era rápida, todos ordenados, em fila indiana, sem proferir uma só palavra.

Andamos uns três quilómetros para nos separar da estrada e fizemo-nos imóveis.

A estrada era larguíssima!

— Não podíamos mais andar.

— Aquela noite chovia. Todo o chão molhado.

— Agora está bonito, aonde vamos estender os cobertores e passar a noite?!

— Falei calmo de si para si —

Também não se pode acender fogo!... Ngongo...

Não se pode falar nem tossir porque estamos bem pertinhos da estrada. — recomendava o comandante.

— Passamos a noite com receio de poder arranjar uma pontada, naquele chão tão húmido.

— Aquela água toda que escorria no corpo!...

Estava connosco o miudinho, o Ngombe, coitadinho, aguentava como que aguentasse com toda energia aquelas pancadas!

— É só o preto que sofre assim, porquê camarada médico? — perguntava Bravo quando via as coisas a marcharem para atrás!

Pois o país é deles, o restante veio depois — respondia eu com firmeza. O velho Kimuanha também respondia assim!

— Mas assim não pode ser. É revoltante. Os mulatos não querem viver aqui, nas matas, só querem estar a viver em Kassamba e em Chicongo!

— Esteve cá uma vez o camarada Rui de Matos — insistiu Bravo pela conversa! — Este camarada é activo, os guerrilheiros gostam dele!

Não é assim — repetia eu. O Gika passou um bom tempo na IV Região Político-Militar. O Monty anda a destruir os quartéis tucas com o canhão B-10. O Dilolwa anda a escrever o historial da Guerra e andou no Mandume I.

— Tudo está bem mais isso não chega — resmungava Bravo, só querem ser responsáveis... assim não pode ser...

Isso no MPLA chama-se racismo camarada — dizia eu.

— Está certo, mas a unidade faz-se também no sofrimento! — proseguiu Bravo. Estou de acordo com o que disse Bravo — juntou-se à conversa o Borges!

— Borges pouco depois se deteve e ajustou o cinturão sem parar de falar:

— Pensa bem, camarada médico... racismo porque se é verdade! — prosequiu.

Não fales mal dos mulatos — aliás aqui podes falar à vontade — mas nunca levantes este problema em Kassamba, Chicongo e Lusaka porque senão serás despromovido à guerrilheiro simples. — advertia eu.

Isso é aborrecido... não é Bravo? — perguntei eu. Agora estou vendo camarada médico, porque devemos não combater ninguém mesmo que não trabalhe!

— Mas o tempo continua a ser tempo — afirmava eu! É preciso nunca o esquecer. Ele cura todos os males porque mata tudo, mesmo o que se chama racismo, ódio e amor...

Psiu! dormem camaradas — era o comandante que apresentava ares de zangado quando balbuciávamos naquela noite chuvosa!

Quinto dia de Viagem

Eram cinco horas de madrugada quando começamos a caminhada.

A mata onde passávamos era nua.

As folhas caídas das árvores quando pisadas, faziam barulho, deixava rastros.

— Os tugas nunca deixaram de patrulhar essa área, porque a ponte do rio Luio está pertinho daqui.

Apresemos os passos, — dizia o Borges!

Todos nós estávamos cansadíssimos, os passos era raros.

À noite que antecederam o dia nada tínhamos comido!

Uma fraqueza tentava conquistar os nossos corpos!

— O descanso era frequente, o que significava dizer que estávamos completamente acabados!...

— Se andarmos bem, — dizia Kambole, lá para as dezoito horas, chegaremos na antiga Base do comandante Xietu, e assim no dia seguinte chegaremos no destacamento — imaginava assim Kambole.

— Assim como estamos a andar, não podemos chegar de forma nenhuma — balbuciava Bravo.

As moxilas eram para nós cargas estranhas. Pesavam mais!

A fome doía mais e o sol ardia mais.

O comandante já não falava, porque também não conhecia o trajecto e não imaginava a distância por percorrer.

A fome tinha descontrolado todos e a distância alongava-se mais, — segundo parecer do camarada Uafa-Uafa.

O Kambole era muito ligeiro, não andava mas voava. Ele ia a frente, e lá descobriu uma cacimba ficou parado esperando por nós.

Quando chegamos naquela localidade, Kambole estava mais que descansado.

Temos água, quem quer beber, tenha a bondade, pois que a frente há pouca probabilidade de encontrarmos água. — disse Kambole.

Uafa-Uafa respirava fundo e não dizia nada.

— Temos de reserva um pouco de fuba, mas não há carne — disse Borges, se quiserdes, fazemos um pouco de matete com um pouco de sal para aguentarmos a distância. — concluiu Borges!

Quem podia duvidar ou negar a proposta do companheiro de viagem?... Tivemos que fazer o matete com sal!...

Enquanto se esperava o matete outros apanhavam "frutos" da mata!...

— Não demoremos muito aqui, porque os tugas deambulam também nestas áreas — recomendava Borges.

O nosso mais jovem companheiro de viagem, o Ngombe, estava dormindo.

Ele não se preocupava com nada.

Bebia do leite da mãe! Não sentia calos nos pés... é a mãe que andava. Mas o Ngombe estava no sofrimento da Niangombe. Era o mais feliz, coitado do rapazito, tinha só cinco meses de idade!... Quem me dera — pensava eu!

Ngombe contará esta história às outras crianças sem dúvida! Contará como ele começou a fazer grandes distâncias na mais tenra infância!

Na verdade as outras crianças não acreditarão que uma criança com aquela idade andasse nas matas, — dirão que ele conta fábulas.

Mas Ngombe andou essas grandes distâncias porque sei; defendê-lo-ei — reflectia eu.

Ngombe era o mais corajoso que eu, Ngombe era polivalente, porque começou a caminhar com cinco meses enquanto que eu, não; com dois anos comecei. — continuei eu reflectindo os destinos das crianças angolanas que na mais pequenina infância fazem seis dias de viagem, galgando quilómetros a pé, tentando pôr em prática os projectos do Camarada Agostinho Neto.

O que não aconteceria com o Ngombe se subitamente aparecesse o inimigo e fizesse uns ta-ta-ta-ta...?!

Continuei eu pensando no destino das crianças angolanas! Na Guiné, em Moçambique, também as crianças deambulam perdidas nas matas à

procura da liberdade!... —

Imaginem... perguntar-se-ia, porque as crianças na mais tenra infância deambulam nas matas?

Quem teria a mesma coragem, tu, eu, ele?

O Ngombe era Ngangula vivo!

Ninguém zombará da tua militância guerrilheira.

Tu andas cá sofrendo connosco. Tu serás outro entre os outros — não duvides... Vendia-me de quando em vez os seus olhos negros!... Direi mesmo: xé usurpador... deixa o meu Ngombe passar neste caminho orgulhoso. Ele é guerrilheiro de Facto. É um Combatente de Facto, e também militante de Facto.

Deixa, senhor passar também o meu Ngombe, o analfabeto à procura da aculturação!

Direi isso com muita vaidade e nenhuma mordaza se oporá ao critério da verdade e da razão.

O Ngombe não me saía da cabeça. Na minha alma neste momento andavam os vivos e mortos!

— Andemos camaradas, está se fazendo tarde — disse o pai do Ngombe.

Eu estava dormitando.

Recordava os dias, pensava os dias que facilmente passam e do futuro que dificilmente se alcança.

— Tanto sofrimento para que? — perguntava o comandante que às vezes duvidava da vitória sobre o colonialismo!

Moxila nas costas começamos a andar.

— Seremos nós os donos da Pátria, seremos nós!...

Os brancos vão embora e nenhuma criança vai andar mais na mata.

Normalmente quando se começa a marcha não se fala nada. Todos caladinhos, olhos postos à frente.

Andamos assim pelo menos uns quarenta minutos, e depois diz o Borges: Esta área é de mel. Os velhos no passado colocavam aqui os cortiços.

Um passarinho o "banza" vinha nos chamando cri-qui-qui-

-cri-qui-qui!

O Kambole assobiava imitando o passarinho que indicava o cortiço onde havia mel.

As mulheres estavam atrás.

O passarinho poisou.

Ah às vezes conta mentiras — dia eu.

Mas o passarinho insistentemente fazia o seu cri-qui-qui, cri-qui-qui.

Então, nós procuramos também com muita insistência o recinto.

— Uns diziam que é necessário dar um pafu-pafu no passarinho porque mente — outros diziam que não!...

Na verdade, o passarinho não mente, nós mas éh é que somos cegos!

— Basculamos todos os paus à volta, depois um grito. — era Kambole que nos chamava. Está aqui o mel! está aqui o cortiço! está aqui!...

— Lá fomos todos apressadamente.

— É sempre assim, quando há fome os homens não são mais sérios, esquecem-se das suas responsabilidades. — imaginava eu.

Importava naquele instante “impantorrar-se” de mel e depois resolver o resto!

— Há cinco dias que não ingeríamos produtos açucarados. — repetia eu.

— Comemos o mel e continuemos viagem. — recomendava Bomboko.

Gazelas, lebres e perdizes passavam nas nossas vistas, mas não se podia fazer fogo. Estávamos na zona do inimigo.

Faz-se tarde.

— Andemos companheiros — dizia Borges! Hoje certamente que dormiremos no Tchivuió III perto das nossas lavras. Lá comeremos mandioca a fatar — prosseguiu!

— Aqui é o Tchivuió III camarada médico, — disse para mim Bravo.

Mas porque se chama Tchivuió III, há mais outros tchivuiós? — interessei-me eu.

— Sim, camarada médico, temos ainda o tchivuió I e o tchivuió

II — concluiu Bravo.

Tiremos as sujidades dos corpos camaradas — disse Uafa-Uafa. Há já cinco dias que não lavamos o corpo. Agora podemos lavá-los, amolecer os pés tensos de chagas e chulé.

— Os pés cheiravam chulé! Que horror, — imaginava eu.

— Isso não é nada ainda, mais tarde os piolhos atacam a roupa e aninhar-se-ão no corpo. — continuei eu imaginando!

O Ngombe estava banhando connosco. Todo ele engraçadinho, inocente, às vezes ofertava-nos o seu sorriso discreto!...

Passamos para a outra margem do tchivuiu.

Para atravessar o tchivuiu não era preciso canoa.

A água chegava ao nível do peito. Estendemos a roupa lavada. Aqui descansamos longamente.

Eram dezassete horas. Não era aconselhável prosseguir com a viagem porque chegaríamos sensivelmente tarde à I Secção — dizia Kambole!

Três camaradas tinham sido escolhidos para ir às lavras buscar mandiocas.

— O tchivuiu II está pertinho, camarada comandante — falava Uafa-Uafa.

— É bom que passemos lá a noite. — prosseguiu.

— Então, andemos agora, enquanto não se faz tarde!

— O Ngombe estava no colo do pai. Ele estava olhando os companheiros de viagem.

Sorria, sorria ódio — sorria o destino dos papás que andam nas matas, à procura da vida, à procura da Independência!

— Os angolanos começam a odiar na tenra infância, o colonialismo.

A criancinha Ngombe já sabia odiar — media eu palmo a palmo à inteligência do miudinho!...

— Andamos até a margem direita do tchivuiu II.

Aqui encontramos bombons estendidos pelas mulheres que viviam na Base onde nos dirigiamos!

Levamos consigo alguns bombons para o jantar.

Um dia faltava para concluirmos a viagem.

Com as tendas individuais formamos Barracas para passar à noite.

Cada barraca tinha a sua fogueira. A noite era friolenta.

Nessa noite comemos mandioca e bombons. Cada um assou e comeu. Não havia restrição.

Passamos a noite numa pequena elevação escassa de árvores!

Amanhã estaremos na I Secção se o juízo não me engana — dizia Kambolel

— Então, deixamos as campainhas e as fogueiras.

— Lá para as dez horas estaremos na I Secção.

— E agora?

Agora, temos a desvantagem de que não há mais comida para nós e os nossos cães. Não há mais comida para os nossos cães. Não há mais comida para os nossos cães. Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Normalmente, a nossa guarda matruza para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

Pouco depois alcançamos o rio. O rio é muito largo e a água é muito quente.

— Não há mais comida para os nossos cães.

O rio de Angola, sob o nome de rio de Angola, corre para o sul.

— Não há mais comida para os nossos cães.

As culturas são raras.

Quando subimos a uma pequena elevação, encontramos o rio.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

— Não há mais comida para os nossos cães.

Sexto dia de Viagem

Pois então, a nossa viagem está no seu último dia — dizia Bravo. Neste dia haviámos acordado um pouco tarde, pois, bem sabíamos que nos encontravamos na nossa zona de actividade!

O sol já tinha rebentado as nuvens, o orvalho nas folhas das plantas estava secando.

Iniciamos a caminhada às oito horas.

— Lá para às dez horas estaremos na I Secção — previsionava Bravo Washington.

Agora, temos é que andar com mais cautela porque os nossos podem não estar informados sobre a nossa chegada, pode acontecer que os serviços de rádio (SRT) não tenham emitido o radiograma referente à nossa chegada!

— Normalmente, a nossa guarda madrugada para ocupar posição. — referida Borges!

Pouco depois alcançamos o rio tchivuiu I. O tchivuiu I estava seco, pois há muito não chovia.

O leste de Angola, sobretudo, neste ano não tem chovido! — sublinhava Bazooka!

As culturas eram raras.

— Quando subíamos à uma pequena elevação, após o rio, Kambole explicava ao comandante: aqui, houve um combate contra os tugas, vê como estão desarranjados os paus? Esta é a nossa lança granada que fizera este serviço.

— Os tugas se viram arrasquinha nesse dia. Pois, tiveram que ser helitransportados!

— Nós perdemos um camarada, era o chefe de secção!...

— Lamentamos imenso a morte do camarada! Era activíssimo no combate e sabia animar a nossa secção, por isso era muito querido — informava Kambole!

— Mas como é que morreu o chefe de secção? — perguntou

Bomboko.

Aconteceu o seguinte: a guarda da ronda matinal tinha passado muito cedo antes dos tugas chegarem no local onde desenrolara a batalha!

Nesse dia, como de costume, as mulheres iam para as lavras buscar os bombons.

Quando as mulheres iam para as lavras os tugas estavam quase a chegar no caminho mas não houve tempo para realizar os intentos, não tinham ainda armado a emboscada.

— Então, deixaram passar o grupo esperando realizar a sua intenção no regresso delas — explicava atentamente Kambole!

— E depois o que se passou? — indagou de novo o comandante que queria conhecer efectivamente a situação.

— Depois camarada, as mulheres regressavam das lavras as dezasseis horas.

Esta hora o chefe de secção, decide dar uma volta em direcção às lavras.

— Ia acompanhado dum guerrilheiro, todos armados com a AK.

Andou, andou... depois viu um homem que parecia ser ngueta.

Era verdade! Era ngueta! Porém não se enganou!...

As armas dos tugas estavam colocadas em direcção às lavras onde vinha o grosso das mulheres.

Enquanto tinham as armas ao contrário, o nosso chefe de secção, tinha feito o primeiro tiro conseguindo assim atingir mortalmente um tuga.

— Ele, o chefe de secção, estava em plena chana, não havia arbustos para onde apoiar-se!

Entretanto tentou recuar do campo.

— O tiro em Angola, é sinal de guerra.

A Base sentiu o estrondo.

O grupo de guerrilheiros que acompanhava as mulheres também ouviu o barulho da arma.

— Todos puseram-se em posição de fogo!

Os nossos bazookeiros estavam no reduto.

Os tugas responderam ao tiro, ferindo — mortalmente, o chefe de

secção!...

— O guerrilheiro que o acompanhava, placou à tempo o sol e assim pode escapar-se da morte.

— Os tugas continuaram fazendo um fogo-fatuo!...

Os nossos se aproximavam do local onde saía o barulho das armas.

— Os tugas estavam cercados. Dum lado havia uma mata densa, doutro o rio Luio.

— Os nossos quando sentiram-se próximos, começaram a fazer fogo; os que vinham da Base formaram uma emboscada!

— Se os tugas entendessem escapar-se do fogo, tinham que sem dúvida cair na emboscada!

— E, assim aconteceu!

— Quando o comando dos tugas se sentiu incapaz de resistir ao ataque, teve que chamar socorro.

— Pouco depois chegou o helicóptero que levou os mortos e vivos. De resto, se não o fizesse, todos seriam recachados!

— Foi assim que morreu o nosso querido chefe de secção. — concluiu Kambole.

Quase já na Base, o caminho em que iam era dividido. Bifurcado.

Um ia à esquerda, outro, à direita, e depois um pau estava deitado no chão.

O pau assinalava perigo!

— Não tocar neste pau, — alertou Kambole, — há uma minal! Continuemos com o caminho à esquerda.

Logo depois sentimos um "alto", era a patrulha diurna!

Todos nós tocamos instintivamente nas armas que levamos!

Quem são vocês? — perguntou o chefe da patrulha. Sou eu chefe de secção Uafa-Uafa, acompanhado do camarada Bomboko e o camarada médico da zona E, camarada Wendel; Faço-me igualmente acompanhar de duas senhoras, uma criança de cinco meses, o Ngombe; vinte e cinco guerrilheiros, autorize-me passar com o grupo...

— Vossa guia de marcha onde está?

— Uafa-Uafa aproxima-se e faz a entrega da guia de marcha.

— O chefe da patrulha lê atentamente a guia e conta com seu dedo as pessoas e depois autoriza a entrada na Base!

Para chegar à Base tínhamos que andar mais trinta minutos.

Carambas!... pelo menos estou certo que chegamos, — dizia eu de si para si!

Um dos guerrilheiros da patrulha acompanhava o nosso grupo para a Base.

Sentíamos já as vozes das pessoas, o choro das crianças; as mulheres que pisavam o massango, outras que iam ao rio à busca de água.

Agora, Ngombe vai encontrar outras crianças e será sempre feliz, vai crescer como qualquer criança angolana.

— Terá uma arma AK, para combater os brancos; será um professor como senhor Manuel de Malanjel. Será tudo na Angola Independentel

— Todo o esquadrão estava já na formatura para nos receber.

— Comandava a formatura o Comissário Político do Esquadrão Guimarães, o camarada Samussumina.

— Os alunos do professor Manuel Gomes vinham receber-nos as cargas.

— As senhoras que trazíamos tinham sido já acolhidas pelas outras.

— Uma continência ao comandante Bomboko. —

— Informação circunstanciada e rápida.

Depois o médico e o comandante foram recebidos pelo comissário político do Esquadrão, abordando vários problemas concernentes a vida política do País e da luta.

Os camaradas Sanjar radista e o professor Manuel Gomes vieram saudar-nos. E, depois todos os guerrilheiros!

Minutos depois organiza-se a formatura da OMA.

— As camaradas da OMA recebem-nos com canções populares angolanas.

A OMA canta longamente; lembra os anos de contrato, recorda a guerra e os filhos que nela morrem...

— Dirigia o coro da OMA a camarada Maria.

— Era outro o carinho com que nos receberam a gente do Leste,

também era outro o nosso estado psíquico e a recepção reflectia tudo isso.

Mama tambokenu muá ne!...

— Descansamos só trinta minutos, uma chuva de chimas corria com grandes nacos de ngunga. Parece-me que concluímos a nossa viagem — dizia eu para o Bravo Washington!

A nossa volta vinha gente, queria saber da vida dos seus familiares que viviam nas Bases fronteiriças, e de Produção.

— Uafa-Uafa, Kambole e Bravo já então responsáveis da I secção, juntaram-se automaticamente aos outros camaradas formando um só corpo para receber o médico e o novo Comandante da Zona e do Esquadrão Guimarães.

— Kambole era um dos animadores do destacamento...

— Não tardou entrar em contacto com o chefe da logística para saber o que havia para ofertar os recém-chegados!

— Nem sempre há comida para animar os estômagos vazios... entretanto, os velhos mais experimentados guardam sempre qualquer coisa!

— A vida é cara, é dura nos maquis!...

— Eu e o comandante Bomboko estávamos sentados à mesa conversando com os guerrilheiros.

— Esta mata é boa — exclamava o Comandante!...

— É idêntica a mata dos Dembos — sublinhava eu. Aqui as árvores são mini-frondosas!...

— Foi o Comandante Xietu quem escolheu este destacamento — observou Kambole.

— O tuga já marchou sobre este destacamento — contava Bravo. Queria acabar connosco, mas não conseguiu nada, acabou por ser aniquilado.

— O Comandante Xietu havia utilizado o morteiro.

Bastou o estrondo para debandar os bichos — informava Samussumina!

— O Comandante Xietu, por acaso é corajoso — tem boa fama na sub-região Sul; nas zonas D e C. — afirmava o Comandante Bomboko!

— Neste momento, o Ngombe tinha os olhos abertos. Estava apre-

ciando a multidão que veio nos receber — seguia eu os movimentos do herói da viagem!

— Passava de mão à mão!... ora estava no colo de sua tia-avó, ora dos camaradas!...

Boa recepção para o Ngombe!... — dizia eu!

— O Ngombe tossia muito, após aquela dormida sobre chuva: Capim molhado, terra húmida e ainda com fome de menino... o kandengue era mesmo um herói.

— Bravo explicava o que sabia das gentes da zona E. Era Calunda, da zona B. Fora aqui transferido pelo Dr. Boavida que lhe havia ministrado o curso de socorrista.

— Uafa-Uafa é natural do Bié, é da Quinta Região Político-Militar do M P L A. Cresceu com a guerra do MPLA, vive a guerra e faz a guerra para libertar o seu povo do colonialismo português. Agora é chefe da secção!

— A zona E é rica em carne — informava Uafa-Uafa.

— Temos sempre "conduto" — camarada médico, — falta-nos somente mandioca para acompanhar os nacos de ngunga!...

— As mandioqueiras foram todas arrancadas e queimadas pelo inimigo.

— Neste momento ficamos sem comida!...

— O massango ainda não está pronto... — observava Samussumina.

— O comandante Bomboko escutava atentamente a descrição da situação militar da zona. A fome faz parte da estratégia inimiga — suvlinhava Bomboko!

— Temos vivido das poucas mandioqueiras — referia Borges!

— Não têm lavras colectivas? — indagou Bomboko.

— Nada, nada temos feito camarada comandante — retorquiu o Comissário Samussumina.

— Quando cá estive o Comandante Xietu tentou-se efectivamente organizar uma lavra colectiva, mas esta só tem um pouco de massango. — continuou Samussumina, e não chega para todos.

— Todos devem trabalhar. Todos devem participar na construção

das lavras colectivas — insistia Bombokol

Produção. Vigilância.

— Então, camarada médico, a mana Ngunda, como está com as crianças? — distraiu-me da conversa o professor Manuel Gomes!

— Tudo lhes vai bem, agora estão em Kassamba — respondi eu...

— Sabe uma coisa — murmurava no ouvido, o professor, — tenho muitos kandengues para circuncisar — prosseguiu ele.

— Não há problemas — acalmei eu. Teremos tempo para tudo — prosseguiu!

— Assim que conversávamos, Kambole e o camarada Borges tinham organizado os velhos para reparar as casas onde dantes estavam acantonados os camaradas Kabulo, Rui de Matos, Randy, Leonel e Bela.

— O camarada médico passa a viver na casa do camarada Rui de Matos; o Comandante Bomboko na casa do Comandante Tchakussuta — ordenava o Comissário, camarada Samussumina.

— O Ngombe estava pendurado nas chuchas da mãe escutando a conversa dos mais velhos.

Nada lhe preocupava — reflectia eu!

Às vezes vendia os seus sorrisos quando alguém se aproximasse dele.

— Ngombe agora é guerrilheiro e também é revoltoso como todos nós aqui — sustentava eu essa ideia.

— Conversamos longamente com o povo.

— O Comandante obteve informações concretas sobre a situação militar da zona E.

— No mesmo dia, sem descanso reuniu a OMA — ouviu opiniões!

— Falou com os pioneiros — escutou ideias, desejos e pedidos!

— Discutiu com os velhos — aceitou propostas!

— Aos guerrilheiros agitou e incentivou operações militares.

— O Ngombe que era já maquisard, escutava e se preparava para a guerrilha, é o destino das crianças angolanas!

— Na mata, se uma mulher ficasse prenhe os pais desejavam a mãe ter um filho — um filho para combater com força os brancos!... (os

colonialistas)!

— O Ngombe é exemplo de tudo: a guerra, a liberdade, a vida.

— O Kambole ainda jovem que só tinha dez fios de barba sentia-se feliz, por ter um filho Ngombe. O Ngombe é o exemplo dos kandengues que na tenra infância andam nas matas à procura do inimigo — o colonialista português?!

— Está tarde camarada comandante vão descansar — disse Samussumina.

Vão repousar os pés depois da dura viagem.

Outras tarefas vos esperam!

Moxico, Zona E, Fevereiro-Março 1972

Um Guerrilheiro no relvado

Um guerrilheiro deitado no relvado
um homem no relvado ao sol
um homem sobre o relvado
um guerrilheiro sobre o solo.

Um guerrilheiro deitado morto
sobre o relvado angolano
um combatente morto
dorme digno no relvado.

Tu dormes guerrilheiro
com amor, justiça e paz
dormes fardado de tash-tash
no chão quente jazes.

No destacamento procuram por ti
a mulher e filhos esperam por ti
mas tu fardado, heroicamente
jazes no chão quente.

Foste à busca da paz
e dormes no relvado angolano
por um povo livre
o povo africano.

As hienas não te tragarão
estás na tua Angola —
as águias não te devorarão
estás na tua Pátria.

O guerrilheiro não morre nunca:
tu somente patinaste no pântano viscoso
e esperas um socorro fartoso
de água e munição!...

in (Caderno Angolano de Debate Literário)

Hei, tio Jomo Keniata
herói negro do século
cavaleiro de rosto severo
mes com atitude de gente honesta
vestido de camurça e veludo
combatente do meu-meu.

Hei, tio Jomo Keniata
combatente exilado por tantos anos,
p'ra que são tantos sofrimentos
se agora vives na exúndia se untando
e o povo arde nos desertos?
P'ra que, tio Jomo Keniata?

in (Caderno Angolano de Debate Literário) — 1974

Hei, tio Jomo Keniata
keniano do século XX
não foi teu alvo libertar o povo?
Hei, herói negro, não foi este teu objectivo?
Hei, combatente do meu-meu,
não sentes os gemidos do povo
não sabes que o povo não tem onde dormir
e não tem o que comer?
Hei, kikuyano do século XXI

O fogo está aceso

O fogo está aceso:
noites longas fugitivas —
das guerras longas proficuas...
as vitórias são breves
e nascem como nasce o sol.
Este fogo é para os pobres...
portanto, deixai rugir os ursos
com a fúria do cataclismo
em todo mundo —
pois se endireitam os dorsos
dos pobres do mundo!

O fogo está aceso:
na africanização das estruturas,
nos homens,
nas leis.

in (Caderno Angolano de Debate Literário) — 1974

Tio Jomo Keniata

Hei, tio Jomo Keniata
herói negro do século
cavaleiro de rosto severo
mas com atitude de gente honesta
vestido de camurça e veludo
combatente do mau-mau.

Hei, tio Jomo Keniata
combatente exilado por tantos anos,
p'ra que só tantos sofrimentos
se agora vives na enxundia se untando
e o povo ardendo nos desertos?
P'ra que, tio Jomo Keniata?

Hei, tio Jomo Keniata
keniano do século XX,
não foi teu alvo libertar o povo?
Hei, herói negro, não foi este teu objectivo?
Hei, combatente do mau-mau,
não sentes os gemidos do povo
não sabes que o povo não tem onde dormir
e não tem o que comer?
Hei, kikuyano do século XXI

Hei, tio Jomo Keniata
não vês o povo vestido de tangas
e magro como um limão exprimido?

Hei, pavão negro dourado
ouricado de acúleos e garras...
Tu fazes girar o sangue dos pobres
defendendo os ricos —
combatendo pela liberdade!...

Acorda-te depressa, tio Jomo Keniata!

in (Caderno Angolano de Debate Literário) — 1974

O fogo está aceso:
na africanização das estruturas,
nos homens,
nas leis.

Hei, tio Jomo Keniata
herói negro do século
cavaleiro de rosto severo
mas com atitude de gente honesta
vestido de camurça e valudo

combatente do

Hei, tio Jomo Keniata
combatente exilado por tantos anos,
p'ra que só tantos sofrimentos
se agora vives na enxurrada de um bando
e o povo arde nos desertos?
P'ra que, tio Jomo Keniata?

in (Caderno Angolano de Debate Literário) — 1974

Hei, tio Jomo Keniata
keniano do século XX,
não foi teu alvo libertar o povo?
Hei, herói negro, não foi este teu objectivo?
Hei, combatente do mau-mau,
não sentes os gemidos do povo
não sabes que o povo não tem onde dormir
e não tem o que comer?
Hei, kikuyuano do século XXI

Um Tio Traidor

Não importa seu nome — importa porém dizer que o tio é natural de Ganga-Zuze (Cassoneca), povoação na área de Icolo e Bengo.

Um dia, numa bela manhã, Seixa disse aos companheiros; — “Hoje parto para Ganga-Zuze encontrar um meu tio.

Os encontros com familiares eram habituais... mas desconhecia-se o que poderia daí sobrevir.

Como sempre, Seixa era acompanhado por seu amigo amado Constantino. Em toda a parte onde algum deles fosse era raro vê-los separados.

A tempo Constantino deixou este mundo, muito tarde após a trágica morte do seu amiguinho Seixa.

Ele tinha caído corajoso, no campo da batalha.

Seixa foi um daqueles que participou no assalto às prisões de São Paulo de Luanda no dia 4 de Fevereiro de 1961.

Neste assalto Seixa havia sido gravemente ferido.

Tendo dificilmente conseguido recuar do campo da batalha, graças aos seus companheiros ele pode viver mais algum tempo.

Nesse tempo não havia em Luanda lugar para revoltosos e Seixa teve de abandonar a capital para brevemente se juntar aos outros guerrilheiros, que actuavam em Catete.

Incansavelmente Seixa participava dos combates.

Ele contactava facilmente os companheiros. Transmittia aos outros a sua experiência, pacientemente explicava como os combatentes assaltaram as prisões de Luanda.

“Este facto não é de pequena importância — diziam os ouvintes”.

— E atentos, todos escutavam as suas narrações.

Seixa odiava profundamente esses gatunos ibéricos, esses, confrangedores...

— “Sem dúvida entre nós vive um canalha traidor” — Porém isso não temia o combatente. “Estes arautos colonialistas também serão reca-

chados" — dizia ele.

Eu lembro-me que durante dias seguidos não havia sal no destacamento. Nós conseguimo-lo com bastante dificuldade.

Nesta altura os órgãos de rádio colonialista tentavam brutalmente nos seus "artiguinhos" desviar o povo dizendo que os "bandoleiros" morriam a fome e que certas vezes se devoravam entre si... Por sua vez, como resposta nós enviávamos camaradas ao encontro dos familiares para justificar o nosso bem-estar... organizávamos assaltos mais perigosos. Quando os colonialistas lançavam bombas nos terrenos onde a existência de "bandoleiros" era possível a sua radio cantava: "Liquidamos todos os "terroristas",

Dias após o bombardeamento, nós enviávamos emissários reconhecedores e organizávamos novas operações. Isso, certamente, não conformava nem tão pouco encorajava os "piropos" portugueses.

Para justificar a sua actividade e conquistar o mínimo apoio das massas populares corrompiam as famílias que tinham filhos nos destacamentos guerrilheiros.

Seixa realizou o encontro com o tio em causa. Bom se poderia dizer que o encontro tinha sido óptimo... se os futuros não fossem a causa da morte do nosso camarada!

O tio interessou-se pelas pessoas, coisas e ainda pela vida que pululava ao nosso redor...

— Não seria isso um amor lisongeiro?

Os encontros passaram a ser mais frequentes e faziam-se mais as claras. Porém Seixa enganou-se.

Ele tinha sido traído pelo tio.

Numa tarde cálida africana, Seixa todo sincero, consciente, disse em termos concisos: — "Vou outra vez encontrar o meu tio!

Lá partiu Seixa para não mais voltar. Foi corajoso! o local combinado estava já cercado de inimigos.

Não houve deus algum que lhe mostrasse o perigo!

Seixa e seu companheiro Constantino aproximaram-se do local ouviu-se uma voz estranha e forge. "Mãos ao ar"!

Eram elementos da tropa opressora

Constantino não hesitou em recuar.

Seixa ficou imóvel a ver o companheiro recuar. Este não deixou sequer um pêlo no caminho por onde passou.

Num átimo Seixa recordou-se do 4 de Fevereiro e disse de si para si — “Minhas mãos jamais servirão os opressores meus”.

Seixa desfere um olhar para o assassino e sorriu. “Para que render-me? — Pensou... “É melhor morrer no meu posto, de pé. Mas antes eu gostaria exprimir mais uma vez o meu desacordo” — prosseguiu.

É preciso realmente ser-se de uma coragem sobrenatural para resistir a um regime tão draconiano. Seixa tinha na mão uma catana. Com uma gatanada ele degolou a cabeça do carrasco mais próximo... Se visses!...

Todos os deuses escondidos no velho baú; cruelmente foram contra o fervoroso combatente.

Seixa foi exterminado!

Terminou assim a batalha inglória!...

Perto do hecatombe estava o seu execrável tio. Este olhava como as “aguias” devoravam o intrépido combatente.

Possivelmente ele quisesse esquecer o alçapão por ele colocado... quiz chorar o sobrinho, mas...

Ao Seixa tinha sido degolado a cabeça que logo depois fora transladada para a povoação de Ganga-Zuze para melhor amendrontar aquela povoação.

E logo gritos da horda portuguesa: — “Vinde ver o “bandoleiro” que vinha roubar o vosso sal... vinde ver”!...

O povo, todo aborrecido, já sabia do acontecido. Ele sabia que tinha sido o tio quem traíu o sobrinho valente.

“Enquanto as condições em que vivemos subsistirem não cessará esse esgotante combate” — diziam os habitantes da sanzala.

O povo sem admoestação foi prender a bruxa má. Apanhada transformá-la-à para sempre em pedra, sem mais possibilidade de ser salva.

Assim todos voltarão a ser felizes e livres da maldade do colonialismo.

Um casamento no Golfe

Ah, é um casamento de verdade

no Golfe,

bairro de pretos —

onde não há luz

e água também

é um casamento de verdade

no Golfe,

onde todas e todos bebem

o destino do Golfe independente.

Ah, é um casamento de verdade,

no Golfe,

bairro de pretos —

estagnado no deserto onde não há floresta

onde os homens casam a sua natureza forte,

no Golfe,

a escuridão se chama Golfe

a luz também se chama Golfe.

E' um casamento de verdade como todos

no inteiro-vivo de Luanda.

E' mesmo um casamento de verdade

na tradição do Golfe,

Quando amanhece lá vão os cônjuges

preencher as fábricas de Luanda

e então todos esquecem já o casamento

esquecem a falta de água e de luz

esquecem todo Golfe

p'ra transformá-lo em praga-viva

p'ra transformá-lo em batalha eleitoral

casamento de saudade; vamos já reelaborá-lo;
será diferente no Poder Popular

e o Golfe terá um ser
o ser próprio do Golfe.

E' um casamento de verdade,
no Golfe.

Então,
é um casamento de verdade no Golfe
ali onde o beijo ainda é segredo sagrado
praticado somente no segredo da noite.

Ah, p'ra casar no Golfe
não é preciso luz porque a luz chama-se Golfe
não é preciso água
porque o Golfe tem tod'as águas do mundo
tão pouco as flores
porque o deserto tem tod'as flores do mundo —
Ah! é o Golfe que casa no seu Golfe,
no inteiro-vivo de Luanda!

1976

Ninguém adoecia mas todos morriam

Vamos já camaradas recordar os dias
quando os senhores nos "caminavam" a água,
quando meninos sem bandeira eramos
quando ninguém adoecia e todos morriam
quando vagamos descalços
nas sanzalas a pisar "matuji"
e ninguém adoecia mas todos morriam.

Deixem-nos ao menos senhores lembrar os dias
em que nos amarravam os cerébrros
e a Escola nos era negada
restava sim ir fazer "mukai" e pôr laços
p'ra apanhar "kangumbe" e "matchotcholo"
os picos ferravam bem os pés
o "dimume" inchava bem os pés.
E ninguém adoecia mas todos morriam.

Ah, António Luiz, enlouqueceu-se o rapaz
rapaz com quem roubei kangumbe
no "mukai" dos outros e ninguém nos repreendia —
rapaz com quem joguei "dimbuela" na poeira...
enlouqueceu-se mesmo já pobre.
Que pena não faz! que pena não faz!

Ninguém adoecia
quando bebíamos água das cacimbas
cheia de ovos de ancilostomas —
água habitada por cobras feiticeiras do mato,
A sociedade sorria e chinguilava "calundús"
ah, as vezes esta bicharada não mata

quando bem sabe que a razão é do povo.
Ninguém adoecia e todos morriam mesmo.

Ninguém adoecia
nos olhos da sociedade afro-europeia tradicional
quando mergulhávamos nas cacimbas
onde os porcos já tinham passado o dia
e a água era toda lodo.
Ah, nadávamos tão bem
e tão bem reconhecíamos o sofisma da civilização europeia
sentiamo-nos meninos da "mocidade portuguesa"
e então: os meninos já não querem ser meninos
e a lei cegou ao efectuar a conexão funcional
entre condições novas e velhos costumes!

Ah, António Luiz, anda chanfrado o rapaz
que pena não faz! que pena não faz!

- Mas que feito do nosso professor Luiz Kabandu?
- Fora morto por ter ensinado escrever meia dúzia de pretos!
- O branco matou-o impiedosamente
e quando os habitantes quiseram julgá-lo à Ordem Popular,
Outra vez a lei cegou...

Eia! Infância rica... quando nas sanzalas
pisavamos "matuji" e caçavamos gafanhotos
ninguém adoecia mas todos morriam sem diagnóstico!

1976

O Poder Popular

Clama

clama povo humilhado ora libertado

o sacrifício a coragem os heróis

a esperança eterna

que teus filhos criaram

— o Poder Popular

Clama

clama povo humilhado ora libertado

os anos da guerrilha e de cadeia

os anos de *UM COLONIALISMO*.

E eis que agora os teus filhos edificam

— o Poder Popular.

Clama

Clama povo humilhado ora libertado

a morte a tortura a discriminação

todo *UM PREÇO* ora agudo ora crónico;

mas agora os teus filhos semeiam

— o Poder Popular.

Clama

clama povo humilhado ora libertado

quando podes quando sentes quando entendes

a luz eterna em ti já ilumina

porque os teus filhos cuidam

— o Poder Popular.

Clama
clama povo humilhado ora libertado
quando lutas quando edificas quando cumpres
a terra já é tua a liberdade também
pois teus filhos nas trincheiras regaram com sangue
para a instauração do

Poder Popular.

1976

Um Comandante condenado a fuga

O nosso comandante era uma pessoa muito bondosa. Quase dedicado a nossa causa comum, mas de pequeno defeito: — nunca se apressava a solucionar os problemas que surgiam e apreciava-os muito lentamente, com certa frieza. Homem pouco decisivo. Isto bastante indignava os guerrilheiros sob o seu comando. Apesar disso as suas ordens eram imediatamente executadas. Nisto ele não fazia nenhum verbete ao contrário, sentia um orgulho inaudito.

O nosso comandante era casado, tinha filhos. Ele, como tantos outros, amava sua família. As contradições que neste lar podiam existir eram questões extremamente íntimas e não importava conhecê-los. Porém, aquilo o que nós ignorávamos era um dos casos fatais que em dada altura impedia o nosso chefe militar desempenhar devidamente a sua acção patriótica.

Não chegou a ideia de ninguém que sua esposa podia ser um dos provocadores dessa situação.

Passavam-se os dias. Tudo marchava como sempre. Ele não redobrava a sua actividade. Todos não entendiam o que se passava. Não obstante, ele sentia esta aflicção que o colocava num estado crítico. Ele já era pouco sociável.

Uma vez em visita de inspecção às bases militares e acampamentos dos "maquizardes" soube através de um dos nossos camaradas que a tropa opressora tentava apoderar-se dele. Isso criou nele um "cagaço" profundo que o levou assim a terminar a inspecção.

Depois, em casa, informou timidamente as intenções portuguesas à esposa. Em resposta, esta disse — "Tu tens na mania que és um grande "Comandante". Aconselho-te a abandonar isso, senão apanharás pela barba. E não duvide "Senhor Comandante"!...

A mulher mordida-o psicologicamente e conseguia sempre convencê-lo.

Foi a partir deste momento que ele deixou de aquecer os seus

soldados. Não se decidia à nada. Os seus subordinados também nada podiam fazer. Assim passavam os dias! Não se tomava decisão nenhuma. O comandante fazia tudo para reconquistar a autoridade diante dos camaradas. Um belo dia decide: — amanhã havemos de atacar os colonialistas. Comandar a operação vou eu” — concluiu.

Decisão desejada e esperada há tanto tempo! Todos os guerrilheiros estavam contentíssimos. Um grande estratega vai dirigir o combate. Que beleza! — Murmuravam os soldados. Na manhã do dia marcado todos os guerrilheiros estavam no lugar. Aqui a actividade do chefe atraiu a atenção máxima de todos os guerrilheiros. Todos esperavam com a máxima ansiedade a sua última palavra. Recordo-me neste momento vi-o enérgico, animado e corajoso. Provavelmente qualquer coisa gigantesca se transformava no seu organismo, movia o seu espírito. Era, talvez, o que se pode dizer “amor a Pátria”.

Foi uma beleza quando ele pronunciou — “Avança”. Todos largaram sem tardar.

Que amor imenso e confiança sem limites nos uniam!...

Terminou o combate e baixas do nosso lado não se registaram. Apenas um ferido ligeiramente. Por parte do inimigo houve baixas e recuperamos grande número de espingardas. Todos os guerrilheiros estavam contentíssimos e cada um esforçava-se para explicar como se sentiu “dentro do fogo”. Uns falavam da morte. Outros pediam para que mais e mais lhes dessem a oportunidade de participar em combates. Demoradamente o comandante juntou-se à nossa conversa e disse: — “Sou franco em dizer-vos que o estrondo do fogo acobardou-me e até agora isso não passa. Mas vós, camaradas, vós sóis valentes! Todos escutavam atenciosamente. Aprofundou-se o silêncio. Afliu-se o comandante. Alguma coisa se teria passado? Não, ele pouco gosta de falar...

Todos ainda procuravam recordar-se deste dia precioso, deste dia claro, dia em que se matou a sucia colonizadora. Mas o comandante continuava pensativo, preocupado.

“Que dirá minha mulher quando souber que matamos muitos soldados? — pensou ele.

Ninguém podia compreendê-lo. Regressamos para as nossas casas. Logo o comandante se dirigiu para sua casa, onde foi alegremente recebido pela esposa que lhe disse:

— “Alegro-me em ver-te, oh meu amor! Sei que vocês mataram muitos portugueses mas espero que este combate seja o primeiro e último. Eu casei-me contigo para praticarmos a boa vida. Não te quero ver morto nesta vossa miséria! Que morrem os teus irmãos, oh “meu comandante” — — concluiu a senhora.

Isso foi o suficiente para o desmobilizar definitivamente.

“Tens razão, minha senhora” — replicou o comandante.

Depois os nervos falam para o coração e este responde meiga, tímida e inarticuladamente:

— “Fiz tudo o que pude, mas divorciar-me não posso”!

Então apegou-se às palavras ensurdecedoras e cegantes como — “Amor, Vida, Morte...!”

Que a Pátria convoque outros filhos. Eles são tantos!

Sob este pretexto o comandante, chefe militar, cegamente abandonou a batalha e foi entregar-se ao gozo burguês!

— “Como vivemos agora?” — perguntava a mulher ao ex-comandante. “Não há combates, planos. Crescem os nossos filhos. Vivemos juntos a alegria, não é, oh...” — zombava a esposa.

... Certamente o nosso inimigo encarniçado anda por aí gabando-se. Mas irmãos, não procureis beiras cimentadas; que elas estão mesmo na nossa Pátria.

ELUCIDÁRIO

ÍNDICE

Kassamba	Base militar	9
Ndeki pimbi	Não há avião	13
Kassaninga	Base de produção	15
Tu na kidikita camalata	Trabalhamos bastante, camarada	21
Una mono massango	Eis o massango, vê o massango	24
Massango	Cereal, milho-miúdo	28
Diaku	Come por favor	33
Muatas	Mais velhos, macotas	40
Chima	Funji	46
Kaiombo	Local onde fora abatido javali	54
Matuji	Cocó	58
Mukai	Caminho habilmente preparado para apanhar pássaros e passarinhos	67
Kangumbe	Codorniz	62
Matchotcholo	Perdiz	64
Dimume	Orvalho	66
Tuga-marinhos	Marinheiros	68
Ngongo	Sofrimento	71
Ngunga	Búfalo	
Banza	Passarinho	
Mama tambokenu muané	Sejam bem-vindos	
Kalundú	Xinguilamento	
Dimbuela	Jogo, divertimento na noite de luar	
SAM	Serviços de Assistência Médica	

ÍNDICE

	Págs.
Notas de Léitura	9
Introdução	13
Diário de viagem	15
Primeiro dia de viagem... .. .	21
Segundo dia de viagem	24
Terceiro dia de viagem	28
Quarto dia de viagem	33
Quinto dia de viagem	40
Sexto dia de viagem	46
Um Guerrilheiro no relvado	54
O fogo está aceso	56
Tio Jomo Keniata	57
Um tio traidor	59
Um casamento no Golfe	62
Ninguém adoecia mas todos morriam	64
O Poder Popular	66
Um Comandante condenado a fuga	68
Elucidário	71

Deixem tudo

Sá CORTEZ

Deixem tudo como está
as estradas, casas, pontes
foram construídas por nós
este é o produto do suor e do sangue.

Deixem tudo como está
as fábricas, lojas,
as roças cultivadas ou não
podadas, colheitadas ou não
é nosso é dos nossos antepassados.

Deixem tudo como está
os nossos rios,
o mar onde camuflam a verdade
onde os barcos piratas navegam
isto tem o seu dono.

Deixem tudo como está
as montanhas,
as florestas que queimam
com ódio e vingança...
essa é a nossa miséria!

Deixem tudo como está
os diamantes, o ferro
petróleo, o ouro e prata
são nossas essas riquezas.

Deixem tudo como está
os animais, os abrigos,
as cadeias, as sepulturas
os esqueletos, o analfabetismo
essa é a "civilização portuguesa"

Deixem tudo como está
a pobreza, a nudez
as doenças, as injustiças
a hipocrisia, as mentiras
essa é a oferta da "civilização lusitana"!

Deixem tudo como está
os paralíticos, os cegos
os anémicos, os orfãos,
os tuberculosos, desamparados,
essa é a "civilização fascista".

Deixem tudo como está
não vos pedimos favores
basta de viver de joelhos
cinco séculos de exploração
eis o bilan civilizador.